**A BRINCADEIRA NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE IMPERATRIZ E SUA RELAÇÃO COM O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PRÉ – ESCOLAR : UMA ANÁLISE À LUZ DOS PRINCÍPIOS DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL**

**Autora : Jaine Silva Souza**

Cursando Licenciatura em Pedagogia

*Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão*

*jaine\_iasd@hotmail.com*

**Orientador : Francisco de Assis Carvalho de Almada**

*Doutor em Educação, professor da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão*

*almadafca@globo.com*

**Resumo:**  A presente pesquisa tem como objetivo analisar que condições as instituições de Educação Infantil de Imperatriz estão possibilitando às crianças para que elas possam viver sua infância na plenitude das possibilidades humanas. Para a coleta de dados, utilizou-se a análise documental para estudo dos planos de ensino e a entrevista semiestruturada, sem deixar de considerar também a relevância da observação da manifestação espontânea sobre a compreensão e aplicabilidade do tema nas instituições envolvidas na pesquisa. A pesquisa aponta com base na teoria Histórico-Cultural que a criança é definida como um sujeito em processo de desenvolvimento, que pensa, age, sente, participa, cria, interpreta, fala sobre si, dentro dos seus limites e possibilidades e que a instituição de educação infantil precisa compreender suas típicas atividades, considerando sua forma de aprender brincando. Ainda aponta para a notável necessidade da instituição em propiciar às crianças o direito de conhecer, de estabelecer relação com o mundo e que além de atuar como espaço de apropriação do saber científico esteja atenta em seu direito à infância estruturando a cultura do brincar em sua vida.

**Palavras chaves:** TeoriaHistórico-Cultural. Educação Infantil. Cultura do Brincar

**1 INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a infância e a cultura do brincar sob o contexto escolar, busca analisar as implicações da cultura do brincar diante a vivência de uma infância na plenitude de suas possibilidades humana. É importante situar que a atual visão de criança é fruto do conjunto de processos e mudanças que ocorreram na forma de entende-la. Áries (1981) destaca que a criança antes da ascensão da modernidade tinha como oficio o trabalho, a participação na guerra e, o casamento chegava logo para ela, assim que tivesse condições físicas.

Ainda conforme Áries, a infância nem sempre existiu, pois, parte de uma consciência de sua existência. “[...] corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem” (ÁRIES, 19981, p. 99). A visão de criança que tem uma infância para viver foi conquistada ao longo da história da humanidade.

Com a compreensão das peculialidades da criança e a importância de possibilitar

condições necessárias para que viva a infância fez-se possível os avanços teóricos no que concerne ao modo como ela se desenvolve e aprende. Diante desses avanços, é notável a defesa do direito que a criança tem à educação e, de forma a obedecer sua faixa etária, garantindo o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos destacada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ( LDB 9394/96).

Diante dos aspectos que promovem a vivência da infância de modo a respeitar sua periodicidade e suas especificidades, a brincadeira se apresenta como parte importante para o ato de possibilitar a criança pequena a ampliação de experiencias que provoquem nela bases para sua atividade criadora. Vigotski (2014), defende que a criança que no jogo se transforma em ladrão, soldado, ou em um marinheiro, é um exemplo do mais verdadeiro processo criativo. Nessa perspectiva, esta pesquisa propõe-se a identicar como se dá a cultura do brincar no processo de vivência em três instituições de Educação Infantil de Imperatriz e as implicações decorrentes?. Objetivando analisar a brincadeira nessas instituições e sua relação com o processo de desenvolvimento da criança pré – escolar.

Para tanto, adota uma concepção fundamentada na teoria Histórico-Cultural, também conhecida como Escola de Vigotski. Essa teoria defende que o desenvolvimento humano não é fruto, apenas, dos fatores biológicos, mas, essencialmente, das condições de vida e educação do indivíduo. Essa condição coloca a educação como principal elemento do desenvolvimento humano. Vigotski (1993) defende que à medida que aprendemos a utilizar a cultura, acumulamos experiências e ampliamos nossa inteligência. Defende, também, que o ser humano é o único animal que, por não nascer pronto, constrói sua natureza.

Da mesma forma que a criança não nasce dotada de inteligência, consciência e personalidade, não as adquire espontaneamente. E sendo a cultura humana um elemento criado e transmitido, o professor de Educação Infantil tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Para que ela se aproprie das máximas possibilidades da condição humana, precisa da mediação de alguém, de outros, mais experientes que ela. Na creche e na escola de Educação Infantil esses *outros*, mediadores, são o professor e as demais crianças. A transmissão dos conhecimentos, aptidões e habilidades que foram criadas ao longo da história, só se tornou possível devido a uma forma de atividade absolutamente própria dos homens: a criação dos instrumentos de trabalho, das máquinas, da arte e a própria linguagem. E sendo a cultura humana um elemento criado e transmitido, o professor de Educação Infantil tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança.

Apropria-se dessa cultura por meio da atividade que realiza, especialmente pela

atividade da brincadeira. Feitas essas considerações, o objetivo desta pesquisa é analisar que condições as instituições de Educação Infantil de Imperatriz estão possibilitando às crianças para que elas possam viver sua infância na plenitude das possibilidades humanas e constatar qual o lugar da brincadeira no processo de vivência nessas instituições e as implicações decorrentes. Os objetivos específicos que norteiam a pesquisa pautaram -se em: analisar a categoria atividade e sua relação com a prática da brincadeira das crianças em idade pré-escolar, constatar qual o lugar da brincadeira no processo de vivência nessas instituições refletindo sob os conhecimentos teóricos dos professores que orientam as atividades de brincadeiras das crianças.

Metodologicamente, a pesquisa foi norteada pelos princípios da abordagem qualitativa. O universo da pesquisa de campo foi delimitado a três instituições de Educação Infantil de Imperatriz, da rede municipal de ensino, escolhidas aleatoriamente, sendo uma da área central da cidade e duas localizadas em bairros. Os sujeitos, informantes, da pesquisa foram oito professoras de Educação Infantil. Todas têm formação em pedagogia e bastante experiência nessa etapa da educação. Quanto à formação, todas atendem aos princípios da Lei 9394/96, em seu Artigo 61, inciso I, exige para o exercício na Educação Básica “[...] professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio (BRASIL, 1996).

Para coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada, um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, pois permite a captação imediata e corrente da informação desejada (GIL, 2006). As entrevistas foram realizadas nos meses de janeiro e fevereiro de 2018. Após a coleta, os dados foram classificados em categorias específicas, analisadas e interpretadas à luz da atividade, sob a ótica da perspectiva histórico-cultural, razão pela qual privilegiou-se a abordagem crítico-dialética de pesquisa. Todos os participantes e as instituições tiveram garantia de que seus nomes não serão expostos a situações que possam causar constrangimento. Para tanto, foi firmado um Termo de Livre Consentimento.

**2 A CATEGORIA ATIVIDADE NA TEORIA HITÓRICO-CULTURAL E SUA RELAÇÃO COM A PRÁTICA DA BRINCADEIRA DAS CRIANÇAS EM IDADE PRÉ- ESCOLAR.**

Leontiev (1981, 2004) e Elkonin (1987) afirmam que o desenvolvimento da criança é propiciado pela atividade principal que ela desempenha, inerente a cada um desses períodos de sua vida. Por meio dessa atividade, a criança relaciona-se com o mundo, e, como consequência, amplia sua inteligência e as particularidades psicológicas de sua personalidade.

Nessas etapas, a percepção e as ações da criança vão se transformando pela mediação com o outro e, particularmente, pela apropriação dos signos e da linguagem. Elkonin (1987) destaca que na sequência do desenvolvimento da criança pequena as atividades principais são a *comunicação emocional,* a *atividade com objetos*, o *jogo de papéis*. Vejamos cada uma dessas atividades.

A *comunicação emocional* direta com os adultos é a primeira forma de relação da criança com a realidade circundante. É a partir dela que se formam as ações orientadas e motoras de manipulação (ELKONIN, 1987). A comunicação emocional é a primeira forma de inter-relação que se estabelece entre a criança pequena e seu entorno. Nesse período, a criança já é capaz de interagir com o adulto de forma significativa e é por meio dessa interação que ela começa a se apropriar da cultura e dos objetos externos a ela. É o adulto quem apresenta à criança o mundo da linguagem por meio da palavra que lhe é comunicada desde o seu nascimento. Elkonin (1987) chama atenção para o fato que a ausência da comunicação emocional é prejudicial ao desenvolvimento psíquico da criança nesse período.

A *atividade com os objetos* é a segunda atividade principal na sequência do desenvolvimento biológico e psíquico da criança. Essa atividade é física, mas relaciona-se à linguagem pela necessidade de a criança estabelecer formas mais complexas de comunicação através dos objetos manipulados (FACCI, 2004). Nessa atividade, a criança acumula as experiências que formam as premissas para o desenvolvimento do pensamento.

Inicialmente esse desenvolvimento do pensamento ocorre segundo as imagens daquilo que a criança está fazendo no momento. Depois, ela pensa com as imagens que vão ficando em sua memória e, só mais tarde, com a aquisição da linguagem oral, o pensamento se torna verbal (MELLO, 2004, p. 146).

Sem o contato com os objetos, o repertório de lembranças da criança fica bem limitado porque é nele que acontece a ampliação da memória, da atenção e da linguagem oral. Com essa atividade a criança acumula experiência e recorre a elas em outras situações. Operando com os objetos, a criança apossa-se do mundo concreto da criação humana, toma consciência das ações realizadas com eles e com isso amplia seu desenvolvimento de consciência do mundo objetivo. Assim, conclui-se que quanto mais ela tem oportunidade de manipular objetos, percebendo diferenças, semelhanças, cores e sons, mais ela amplia seu desenvolvimento.

Para Vigotski (1996) o mundo dos objetos é mais que um mundo inanimado. Por si só é capaz de provocar na criança a necessidade de relação, entretanto é pela mediação e por

meio dela, que a criança estabelece relações mais amplas com o universo circundante, onde estão incluídos as pessoas e os objetos da cultura. Segundo essa visão, a criança não imita

objetos inanimados, mas, sim, a atividade humana em sua forma específica, garantindo certa singularidade à sua forma imitativa, a qual está relacionada com uma função tipicamente humana.

Para Vigotski, o jogo vai além do brincar, uma vez que possui não só, como características definidoras, a imaginação, mas, também, regras que direcionam o comportamento da criança. Destacando o caráter ativo da brincadeira no desenvolvimento da criança, Vigotski (2009) ressalta que os processos de criação se manifestam já na mais tenra infância. Pois, a brincadeira, os jogos são atividades humanas que dependem dos contextos sociais e culturais, a partir dos quais a criança recria a realidade através de sistemas simbólicos próximos a ela, como define Facci (2004, p. 69):

As brincadeiras das crianças não são instintivas e o que determina seu conteúdo é a percepção que a criança tem do mundo dos objetos humanos. A criança opera com os objetos que são utilizados pelos adultos e, dessa forma, toma consciência deles e das ações humanas realizadas com eles.

Na brincadeira, a imaginação não tem a função de criar para a criança um mundo diferente do mundo dos adultos, e sim de possibilitá-la a apropriar do mundo dos adultos em função da impossibilidade de desempenhar as mesmas tarefas desempenhadas pelos adultos. Isso quer dizer que a criança, em seu cotidiano, age movida pela realidade objetiva e não se deixa dominar pela fantasia existente no momento da brincadeira.

[...] ao brincar de motorista de ônibus ela precisa usar da fantasia para substituir as operações reais realizadas por um motorista de ônibus pelas operações que estejam ao seu alcance. Mas isso não é uma forma de se afastar do mundo real no qual existem motoristas de ônibus e sim, ao contrário, de se aproximar cada vez mais desse mundo (ARCE, 2004, p. 19).

Na brincadeira a criança se apropria do mundo real dos seres humanos da maneira que lhe é possível no seu estágio de desenvolvimento. Como uma forma de comportamento social, a brincadeira de papéis sociais se destaca da atividade do trabalho e do ritmo cotidiano de vida, seguindo uma lógica própria, organizada no tempo e no espaço. Ao distingui-la das demais atividades, Vigotski (2009) conclui que, ao brincar, a criança cria uma situação imaginária e começa a agir independentemente daquilo que vê. Com isso, reproduz, por meio do jogo, diversas situações da vida adulta e realiza sua atividade no plano imaginário:

Já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação que se expressam melhor em suas brincadeiras. A criança que monta um cabo de vassoura e imagina-se cavalgando um cavalo, a menina que brinca de boneca e imagina-se a mãe; a criança que numa brincadeira transforma-se num bandido, num soldado do Exercito Vermelho, num marinheiro – todas essas crianças brincantes representam exemplos da mais autêntica e verdadeira criação (VIGOTSKI, 2009, p. 16).

Como se percebe, tanto Vigotski quanto Leontiev defendem que a imaginação da criança, ao brincar de papéis sociais, desempenha um papel emancipatório frente ao mundo em que ela vive. É na combinação dessas impressões e, baseada nelas, que há a construção de uma realidade nova que responde às suas aspirações.

**3 A BRINCADEIRA NO PROCESSO DE VIVÊNCIA NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE IMPERATRIZ E A CONCEPÇÃO DE BRINCADEIRA DAS PROFESSORAS.**

A primeira constatação, observando o aspecto físico das escolas pesquisadas, é que exceto uma escola, não se constatou adequação quanto ao acolhimento da criança pequena, os prédios foram construídos com corredores com pouca largura, dificultando as atividades de brincadeiras. A ideia de que a brincadeira ocorre naturalmente no período da infância e que não necessita de intervenção do adulto, é uma característica ainda presente nessas instituições. A maioria das professoras entrevistadas entendem e desenvolvem a brincadeira de forma individualizada, cada criança com seu brinquedo. Perdendo, com isso, uma excelente oportunidade de a socialização da criança e seu desenvolvimento motor.

Considerando que a creche e a escola de Educação Infantil podem e devem ser o melhor lugar para a educação das crianças pequenas – crianças até os 5 anos –, pois aí se pode, intencionalmente, organizar as condições adequadas de vida e educação para garantir a máxima apropriação das qualidades humanas “[...] que são externas ao sujeito no nascimento e precisam ser apropriadas pelas novas gerações por meio de sua atividade nas situações vividas coletivamente (MELLO, 2007, p. 85), a primeira indagação foi qual a importância da infância na vida humana.

A infância é... é o período da vida em que as experiências vividas nela influenciam a fase adulta, então.... por isso é uma etapa muito importante que deve ser orientada pela família e pela escola (P1).

Até os sete anos o caráter da criança é formado e quando bem trabalhado afetivo, físico se tem respostas positivas quando adulta (P2).

Toda a importância, é a base é o alicerce de toda a vida, a gente forma o adulto é na infância, isso é comprovado que de zero a seis anos a gente forma o adulto né? E a criança também, é... autônoma, ativa no processo e participante. Então o período da infância ele é primordial, é indispensável na vida de todo ser humano (P3).

A infância é a base. Porque a criança que tem uma boa infância com certeza será um adulto feliz (P4).

Ah, essa infância começa a partir do nascimento do bebê, quando ele já nasce a família já tem que estar envolvida com a educação do filho, porque educação começa em casa e viver a infância a diferença vai ser grande, porque você vê a criação do filho, já começa do bebezinho, você já ver o que ele vai ser no futuro (P5).

A infância tem que ser bem vivida, não queimar etapas, isso é importante porque tem pai que joga a criança o dia todinho pra ir pra escola, vai pra aula de reforço, vai pra isso vai pra aquilo e não tira um tempo para brincar para ouvir, pra entender a criança. Então a infância não tá sendo bem vivida hoje em dia e também tão jogando essa responsabilidade para as escolas. Então a importância da infância, a gente tem que ter bem vivida pra ser um ser humano realizado. É, uma criança que tem infância ele vai ser uma pessoa realizada, porque ele foi bem entendido, bem compreendido, foi trabalhado né (P6).

Todas as respostas acima apontam para o cuidado com a infância de acordo com o conjunto dos estudos desenvolvidos sob a ótica histórico-cultural. Ou seja, apontam como condição essencial para a máxima apropriação das qualidades humanas pelas crianças pequenas o respeito às suas formas típicas de atividade. Essas atividades são, segundo Mello (2007), o tateio, a atividade com objetos, a comunicação entre as crianças, e entre elas e os adultos, o brincar.

Uma das principais categorias conceituais da teoria histórico-cultural é a humanização. Diferentemente de outras teorias que viam o processo de humanização – isto é, o processo de formação das qualidades humanas – como um dado metafísico ou como produto da herança genética, a teoria histórico-cultural vê o ser humano e sua humanização como produtos da cultura criada pelos próprios seres humanos ao longo da história. Nesse sentido, todas as professoras entrevistadas demonstraram entender que as condições necessárias para o desenvolvimento da infância têm relação com o processo de humanização através da transmissão do conhecimento sistematizado.

Sim, porquê a ausência dessas condições pode afetar o desenvolvimento da criança e se essas condições necessárias existem é... a criança pode se desenvolver melhor e mais plenamente (P1).

Sim, é já na infância que aprendemos, socializar, respeitar... ou seja todos os princípios e valores básicos para uma vida melhor (P2).

Sim, tem sim. É... o, dependendo dos estímulos que são dados na criança e voltando pra, porque os princípios, os valores, essa definição do homem no processo social, ele é muito importante e indispensável até, nessa estruturação infantil. Então, o processo de humanização ele é também desenvolvido no período da infância. E isso depende muito dos estímulos que são dados nos momentos certos, na faixa etária correta, pra que a criança seja uma criança de sucesso, não só um adulto de sucesso, mas a gente tem que pensar agora também no momento dessa construção, desse ser humano (P3).

Tem, tem tudo a ver. Porque a criança que tem uma infância com uma relação rica, com certeza será um humano, adulto né, humanamente sendo aquela pessoa amorosa. Aquela pessoa que ama o próximo, que é o nós precisamos (P4).

Com certeza, porque a gente aprende brincando, não decora, você aprende (P5).

Com certeza. Sim, ajuda sim, com certeza. É uma ajuda e tanto, desenvolve tudo (P6).

As respostas acima motivaram à indagar se a brincadeira faz parte desse processo de humanização e como faz parte.

Sim, por meio das brincadeiras é possível aprender e as crianças se desenvolvem, é ... internalizam os valores como respeito, solidariedade e muitos outros que são importantes a uma convivência entre as pessoas e isso aprende desde cedo (P1).

Sim e muito, promove o respeito, socialização e também dentre outros aspectos o desenvolvimento intelectual que faz toda a diferença na formação humana (P2).

A brincadeira é inerente a criança. Ela não nasce sabendo brincar, mas ela aprende a brincar e, a brincadeira e inerente a criança e é direito que ela tem. Graças a Deus (P3).

Faz, faz parte sim (P4).

Com certeza, porque a gente aprende brincando, não decora, você aprende (P5).

Também, a brincadeira faz parte no que diz respeito aos limites, ao eles interagir entendeu? Se a gente não interagir e ficar só no meu ...no meu eu, não vai pra frente. Eu trabalho muito essa questão eu me amo do jeito que sou, a gente trabalha bastante (P6).

As três primeiras respostas apontam para uma visão bastante importante sobre a brincadeira (P1, P2 e P3). Por volta dos três anos a atividade principal da criança passa a ser o jogo ou a brincadeira. Será por meio dela que a criança vai desenvolver sua linguagem, o pensamento, a atenção, a memória e os traços de caráter (MELLO, 2004). Vai, principalmente, aprender a conviver em grupo e a controlar a própria conduta. “Sobre sua base se forma, na criança, a aspiração para realizar atividades socialmente significativas [...] e por isso se constitui o principal momento de preparação para a aprendizagem escolar” (ELKONIN, 1987, p. 118). O faz de conta aparece, portanto, como atividade que orienta a criança no sentido mais geral e fundamental da atividade humana.

Desde o início da convivência nas instituições, foi possível perceber que elas estão organizadas mais para as atividades de anos iniciais do Ensino Fundamental do que para Educação Infantil. Quando foi questionado sobre as condições que a instituição disponibiliza para possibilitar às crianças a vivência de sua infância por meio da brincadeira, as próprias professoras entenderam que se tratava de material relacionados à brincadeira e não com o espaço para brincar.

Assim... basicamente o espaço físico, os brinquedos pedagógicos os pais entregam junto com o material escolar (P1).

O espaço físico, o apoio, faz parceria também com pais para comprar os brinquedos (P2).

Não, assim, eles, na medida do possível eles colaboram com a gente, eles arrumam bambolê, arrumam na medida do possível, a gente inventa cria, faz geladeirinhas de sucatas. Então, é assim, a escola tá sempre dando suporte pra gente (P3).

Olha, material didático a gente tem bastante, agora a gente não tem é a questão do espaço suficiente e nem pessoas treinadas pra ajudar a gente fazer, pessoas qualificadas para essa área (P4).

Bom, aqui o espaço ainda é pequeno, em relação ao pátio e não temos um parquinho, mas há apoio para as professoras trabalharem os cantinhos pedagógicos (P5).

A escola, nós profissionais, a gente segue é o que preconiza as Diretrizes Curriculares Nacionais pra educação infantil, os dois eixos que norteiam essa prática pedagógica são as interações e a brincadeira. Então, tudo que é feito na instituição com a criança é ... A estratégia, é o brincar. A questão da aprendizagem significativa por meio do brincar da ludicidade é o nosso foco principal (P6).

Essa visão é compreensível porque o histórico da Educação Infantil no Brasil revela-nos que a própria indefinição da função dessa etapa educacional contribuiu para que a brincadeira não ocupasse o mesmo *status* que as demais atividades pedagógicas estruturadas pelo professor nesse ambiente, ou seja, a falta de compreensão do real papel que a Educação Infantil representa no processo de escolarização, assim como no desenvolvimento da criança.

Os próprios documentos oficiais que regulamentam a Educação Infantil como os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) a brincadeira é considerada como uma atividade interna da criança, baseada na imaginação e na interpretação da realidade (BRASIL, 1998, v. 2). E uma das professoras (P6) foi bastante enfática que segue o que preconiza as Diretrizes Curriculares nacionais para a Educação Infantil.

A partir dessa compreensão, o desenvolvimento da brincadeira, segundo o documento, depende unicamente da vontade da própria criança.

Pela oportunidade de vivenciar brincadeiras imaginativas e criadas por elas mesmas, as crianças podem acionar seus pensamentos para a resolução de problemas que lhe são importantes e significativos. Propiciando a brincadeira, portanto, cria-se um espaço no qual as crianças podem experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos (BRASIL, 1998, v.1, p. 28).

Considerando esses posicionamentos, percebe-se que o espaço para correr, pular, saltar e outros movimentos não são considerados importantes para o RCNEI. Percebendo que as professoras definiram a brincadeira apenas àquelas atividades com brinquedos, indagamos qual o lugar da brincadeira nas atividades de ensino.

A brincadeira faz parte das atividades de sala, são sempre inseridas no planejamento

Tem brincadeira na sala e fora da sala, no pátio (P4).

É, eles sempre têm um dia, o dia de terça para fazer essa brincadeira, no pátio porque na sala não tem espaço (P5).

Pelas respostas acima ficou claro que as crianças brincam, mas, apenas duas professoras (P4 e P5) deixaram claro que utilizam o pátio da escola para atividades recreativas que requerem movimento. É lógico que as brincadeiras que exigem liberdade ainda são vistas como improviso por parte dos professores. Muitos dirigentes escolares não veem a brincadeira livre como uma atividade educativa. Portanto, o principal local para brincar ainda é a sala de aula. O pátio é usado apenas em ocasiões especiais.

É a partir da concepção de brincadeira que o professor tem e conforme ela é desenvolvida, pode ou não contribuir com o desenvolvimento da criança. Assim, as professoras foram indagadas sobre quais os aspectos elas entendem que podem desenvolvidos na criança durante o brincar.

Ah, é o cognitivo, afetivo, psicomotor, quanto mais atividades e brincadeiras forem trabalhadas mais as crianças se desenvolvem em muitos aspectos (P1).

Tudo, todos os aspectos que envolve a criança, o físico, mental intelectual, tudo, todos os aspectos (P2).

O Cognitivo e o intelectual da criança (P3).

A é, um desenvolvimento integral, ela se desenvolve tanto cognitivamente, socialmente, fisicamente. Porque eu acredito muito na formação da criança de forma integral, a gente não tem como fragmentar esse processo, é ... trabalhar essa parte, ou essa parte. A brincadeira desenvolve a criança de forma integral, cognitivo, físico, as relações que ela estabelece, é tudo isso faz parte dessa formação integral que a gente acredita (P4).

Tem a lateralidade, a escrita, tem a escrita, tem a coordenação motora fina grossa tem a matemática, tem tudo que envolve a criança na aprendizagem (P5).

A gente trabalha, como o brincar desenvolve o corpo todo né, lateralidade, noção de espaço, de tempo, de... até mesmo de comando: faz isso, sentou, levantou. Acho que trabalha muitas coisas né, muitos aspectos (P6).

Algumas das respostas acima demonstram pouca convicção em relação a criança ao brincar. Para Vigotski, o jogo vai além do brincar, pois possui como características definidoras a imaginação e as regras que direcionam o comportamento da criança. Do ponto de vista do “[...] desenvolvimento, a brincadeira não é uma forma predominante de atividade, mas, em certo sentido, é a linha principal do desenvolvimento na idade pré-escolar” (VIGOTSKI, 2008, p. 24). Portanto, há a necessidade de se analisar a brincadeira a partir das necessidades, impulsos e motivos da criança. Sem compreender a peculiaridade desses impulsos e motivos, não se pode compreender seu nível de desenvolvimento.

A brincadeira e os jogos não são instintivos. Como atividades humanas, dependem dos contextos sociais e culturais a partir dos quais a criança recria a realidade através de sistemas simbólicos próximos a ela.

Ou seja, imaginativamente, opera com os objetos que são utilizados pelos adultos e, com isso, identifica as ações humanas neles depositadas da maneira que lhe é possível no seu estágio de desenvolvimento. Para isso, usa a imaginação. Porém, esta não tem a função de criar um mundo diferente do mundo dos adultos, e sim de possibilitá-la apropriar-se desse mundo em função da impossibilidade de desempenhar as mesmas tarefas desempenhadas pelos adultos.

**4 CONCLUSÕES**

O objetivo deste trabalho deu-se de forma a analisar que condições as instituições de Educação Infantil de Imperatriz estão possibilitando às crianças para que elas possam viver sua infância na plenitude de suas possibilidades humanas e constatar qual o lugar da brincadeira no processo de vivencia nessas instituições. A concepção de brincadeira, bem como a concepção de infância do professor tende a definir o seu modo de proporcionar atividades de brincadeiras às crianças. De acordo com a teoria Histórico – cultural, na atividade de brincadeira está associado os mais autênticos processos criativos.

O que diferencia o homem dos animais diante a imaginação dinâmica é sua capacidade de desenvolvimento, de criação e de mudança da sua realidade. A atividade criadora humana que faz do homem um ser que se projeta para o futuro, um ser que cria e modifica o seu presente” (VIGOTSKI, 2014). É nesse sentido que a concepção vigotskiana traz como conclusão pedagógica a necessidade de proporcionar à criança a ampliação de suas experiências, a fim de possibilitar a ela bases que sejam sólidas para sua atividade criativa.

Disso se depreende também que a educação escolar é fundamental para propiciar a criança aptidões que inicialmente são externas a ela, visto que conforme a teoria Histórico-cultural ela é um ser em desenvolvimento.

Um dos pontos centrais para pensar a brincadeira, na perspectiva histórico-cultural, é a imaginação, entendida como uma função psíquica superior, importante para a atividade mental. No entanto, nessa perspectiva teórica, a imaginação relaciona-se diretamente com a realidade e, portanto, também depende das condições materiais. No entanto, conclui-se que as professoras, avançam no sentido de defender com clareza a função da Educação Infantil, de trabalhar com os conhecimentos científicos atrelados aos cotidianos, visando desenvolver as funções psíquicas superiores da criança e a mudança na sua relação com a realidade.

O que se espera é, contribuir com o presente trabalho para repensarmos a Educação Infantil. Por meio dessa pesquisa buscou-se defender a real função da Educação Infantil e

apontar alguns caminhos para que a brincadeira seja promovida nesse espaço, não com receituário, mas visando ampliar as possibilidades de ação do professor, uma vez que defendemos sua importância na educação e desenvolvimento da criança.

**REFERÊNCIAS**

ARIÉS**, Philippe. História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC,1981.

ARCE, Alessandra. O jogo e o desenvolvimento infantil na teoria da atividade e no pensamento educacional de Friedrich Froebel. **Cadernos Cedes** [online]. 2004, vol.24, n.62. p. 9-25.

BRASIL. Lei 9.394, de 20.12.96. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, v.84, n.248, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB, 1998, 1v.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cadernos CEDES**. v. 24, n. 62, abr. 2004. p. 64-81.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LEONTIEV, Alexis. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

LEONTIEV, Alexis. N. Os princípios psicológicos da brincadeira. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A.; LEONTIEV, Alexis. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2006. p. 119-142.

MELLO, Suely Amaral. A escola de Vygotsky. In: CARRARA, Kester. **Introdução à psicologia da educação**: seis abordagens. Campinas: Avercamp, 2004. p. 135-155.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, 83-104, jan./jun. 2007. p. 83-104.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais.** [online]. 2008, n. 8. p. 23-36.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância.** Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras escogidas II**. Madrid: Visor Distribuciones, 1993.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras escogidas IV**. Madrid: Visor Distribuciones, 1996.